

# A MULTIPLICIDADE FUNCIONAL DO JUNTOR E EM MISSIVAS COMERCIAIS SETECENTISTAS

Juliana Pereira Guimarães<sup>1</sup>

**RESUMO:** Na fase mais negligenciada pelos linguistas e estudiosos da língua, século XVIII, investiga-se o juntor *e* a partir do *corpus* de missivas comerciais remetidas ao proprietário em Lisboa Antonio Esteves Costa pelos seus representantes comerciais em diversas localidades do Brasil, da Europa e da África, Ásia. Como hipótese, o modo de composição paratática de orações e períodos com a presença do juntor *e* constrói-se considerando outras particularidades

**ABSTRACT:** In the phase most neglected by linguists and language scholars, the 18th century, this study investigates the junctor *e* from the corpus of commercial missives sent to the owner in Lisbon Antonio Esteves Costa by his commercial representatives in various locations in Brazil, Europe, Africa and Asia. As a hypothesis, the paratactic composition mode of clauses and periods with the presence of the junctor *e* is built considering other compositional particularities and other syntactic-

---

<sup>1</sup> Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Linguística Aplicada, UFRJ  
e-mail: juliana@letras.ufrj.br

composicionais e outras funções sintático-semânticos além do puramente sintático e do prototípico de adição. O objetivo principal consiste em verificar a polifuncionalidade do juntor e nas construções paratáticas, a fim de estabelecer fatores cotextuais, inferenciais e lógico-semânticos que coatuam nas avaliações de sentido acerca das paratáticas de tempo e de contraste com juntor *e*. Adota-se a orientação teórico-metodológica da linguística funcional de Kabatek (2006) e Longhin-Thomazi (2013, 2014), com a metodologia métodos mistos de Creswell (2007). Verificam-se 144 ocorrências de arquiteturas paratáticas com relações de sentido de adição, causa, iniciador, contraste e tempo. Nesse sentido, conclui-se que os jutores convencionais são apenas um dos fatores que participam da construção do sentido, e que diversos fatores como acarretamentos, pressuposições, recursos coesivos, modos e tempos verbais e inferências auxiliam nas avaliações de sentido realizadas pelo interlocutor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Junção; Parataxe; Polifuncionalidade do *e*.

semantic functions besides the purely syntactic and the addition prototype. The main objective is to verify the polyfunctionality of the junctor *e* in paratactic constructions, in order to establish factors co-textual, inferential and logical-semantic that co-act on the assessments of meaning about the parataxis of time and contrast with junctor *e*. It adopts the theoretical and methodological orientation of functional linguistics of Kabatek (2006) and Longhin-Thomazi (2013, 2014), with the mixed methods methodology of Creswell (2007). It is verified 144 occurrences of paratactic architectures with sense relations of addition, cause, initiator, contrast and time. In this sense, it is concluded that conventional jutors are only one of the factors that participate in the construction of meaning, and that several factors such as entailments, presuppositions, cohesive resources, verb moods and tenses, and inferences help in the assessments of meaning carried out by the interlocutor.

**KEYWORDS:** Junction; Parataxis; Polyfunctionality of *e*.

## INTRODUÇÃO

O português do século XVIII constitui-se, ainda, uma fase obscura da língua, à qual se tem pouquíssimo conhecimento, e se caracteriza pela falta de estudos suficientes que permitam demarcá-lo seriamente, consoante o linguista Castro (2013). Os estudiosos do português privilegiam outras épocas históricas, ou outras linguísticas, que são menos dependentes de *corpus* textuais trabalhosamente construídos como a fase arcaica ou a fase contemporânea. Guimarães (2019) contextualiza essa fase do português, que se inicia com a impressão da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, no ano de 1536 e se aproxima da Idade Moderna com o início do pensamento reflexivo sobre a língua portuguesa.

Esta pesquisa justifica-se, pois esse período linguístico consiste, de acordo com Netto (2009: .34), num “terreno muito pouco percorrido e mapeado [...] com problemas e incógnitas remanescentes, com limitados documentos reportariados e filologicamente estudados, com debates interpretativos ainda por serem levados a efeito [...]”, como também, o “desconhecimento da língua da época consiste num fato real do nosso cotidiano e não pode ser ignorado pelos linguistas e por quantos profissionais que trabalham com a língua” (CASTRO, 1996: 140). E ainda, Callou (2004: 22) indaga que a partir desse século se pode começar a pensar na “bifurcação das variantes continentais” ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios.

Neste contexto, convém ressaltar que a tradição do século XIX estabeleceu a dicotomia parataxe (todos os tipos de justaposição) *versus* hipotaxe (todos os tipos de dependência), e no século XIX, Hopper e Traugott (1993) salientaram que parataxe implica independência relativa, pois o vínculo entre as orações depende apenas do sentido e da relevância da relação entre elas, conforme Rodrigues (2007: 226). No tocante à multifuncionalidade do juntor *e*, Rocha Lima (1975: 7) pondera que esse morfema de coordenação, pela extensão e frequência de seu uso, se torna ofício dos mais relevantes. Além disso, a partir do seu valor primário aditivo, o juntor *e* ocorre significativamente por contaminação de elementos chamados “paracoordenativos”. Mateus *et al.* (2003: 568), ainda, ressalta que para além dos valores prototípicos, as conjunções simples podem assumir outros, consoante o potencial semântico dos termos coordenados. Esses valores são usualmente considerados como cumulativos, no sentido de que o valor prototípico inicial nunca é totalmente erradicado.

Sob essa concepção, o referido artigo se compromete com o estudo sobre o português de setecentos, a partir do *corpus* de trinta missivas autógrafas de

mercadores de diversas localidades do Brasil (Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro), de Portugal (Alcantarilha, Alcuve, Alto do Monte, Faro, Ferragudo, Lisboa, Porto, Setúbal, e de outras localidades da África, da Europa e da Ásia (Bissau, Ilha de Santiago de Cabo Verde, Macau, Berlim, Bordéus, Hamburgo) a um único remetente Antonio Esteves Costa (1764-1837), que foi Barão e depois Visconde das Picoas, Comendador da Ordem de Cristo e diretor do Banco de Portugal. Essas missivas pertencem ao *corpus* mais amplo, localizado na caixa 224 da seção “Reservados” da Biblioteca Nacional de Lisboa e possuem datação de fins dos anos 1700 a 1800.

No tocante aos objetivos deste artigo, reporta-se o objetivo histórico-linguístico, que consiste na capitalização de conhecimento sobre o português de setecentos, a partir de missivas comerciais. O objetivo linguístico consiste em investigar o mecanismo de junção nas construções paritárias com juntor *e*, a fim de comprovar a teoria de que a presença do juntor polifuncional *e* operacionaliza a codificação de diversas relações de sentido implícitas, além da adição, bem como de estabelecer fatores cotextuais, inferenciais e lógico-semânticos que coatuam nas avaliações de sentido acerca das paratáticas de tempo e de contraste. Como hipótese, o modo de composição paratática de orações e períodos com a presença do juntor *e* constrói-se considerando outras particularidades composicionais e outras funções sintático-semânticos além do puramente sintático e do prototípico de adição.

Numa orientação funcionalista, adota-se como referencial teórico-metodológico as propostas de Kabatek (2006) e de Longhin-Thomazi (2014) que revisitam a Análise Multidimensional de Douglas Biber (1988) e a metodologia métodos mistos de Creswell (2007). Além disso, intenciona-se estender a pesquisa de Longhin-Thomazi (2013) que averiguou o modo de composição paratática no século XIX a fim de reunir pressupostos que permitam sustentar uma teoria de que a junção deve abranger conjuntamente informações de diferentes níveis de análise semântica e sintática, visto que a presença do juntor seja de natureza conjuncional, preposicional ou adverbial é mera face de construção.

O artigo se estrutura em cinco seções. Na seção 1, apresentam-se ponderações sobre o mecanismo de relação entre orações que na abordagem linguística funcionalista nomeia-se parataxe, entretanto, na abordagem gramatical chama-se coordenação. Na seção 2, salientam-se considerações acerca do juntor *e*, que apresenta, além do valor primário aditivo ou copulativo, outros valores que dependem de elementos semânticos, cotextuais e inferenciais. Esse juntor se caracteriza pela frequência e extensão de uso, os

quais lhe atribuem relevância no âmbito da coordenação. Na seção 3, situa-se o núcleo do artigo com o mapeamento, a quantificação e análise quantitativa-qualitativa do esquema de combinação paratática com o juntor *e*, nas missivas comerciais do século XVIII, que sugerem diversas relações de sentido. Na seção 4, estabelecem-se considerações finais, tendo em vista o fenômeno de investigação e os principais aspectos deste artigo.

## 1. O MECANISMO DE RELAÇÃO ENTRE ORAÇÕES: PARATAXE

Etimologicamente, o vocábulo parataxe adveio da formação grega *táksis* (colocação) e *para* ("ao lado de") e o termo coordenação é a tradução latina do grego parataxe, segundo Bagno (2011: 884). Sob esse viés, discutem-se as particularidades do mecanismo paratático.

Na esfera funcionalista, Thomazi (2013) se baseia na proposta de Halliday (1985) sobre as duas dimensões constituintes das orações. A primeira se refere ao eixo tático, que releva as relações de maior e menor dependência entre as orações e a segunda dimensão diz respeito ao eixo semântico, que contempla as relações de sentido que legitimam a junção das orações e podem ser codificadas tanto por arranjos paritários, como arranjos hierárquicos. Ao considerar a primeira dimensão, a linguista focaliza os dois mecanismos de relação entre orações: a parataxe e a hipotaxe. A parataxe consiste numa relação paritária em que as orações são funcionalmente autônomas e a hipotaxe constitui uma relação hierárquica, com nuclearidade e dependência em que as orações têm ordens diferentes. O uso de um ou outro modo de combinação é sempre uma questão de escolha, regida por aspectos da Tradição Discursiva, por exemplo.

O mecanismo paratático envolve justaposições, correlações, coordenações e inserções parentéticas, pois se trata de uma sintaxe menos explícita, mas não de uma sintaxe menos complexa, visto que a interpretação semântica das estruturas está em causa. Matos e Raposo (2013: 1753) ponderam que a coordenação ocorre sobre constituintes de nível linguístico idêntico e combina-os através de um conector – “Eu comprei um livro e uma caneta”; “A Ana gosta deles e o Antonio dispensa” – e, portanto, integra-se à classe mais vasta dos processos paratáticos (parataxe), caracterizados por combinarem unidades gramaticalmente idênticas ou semelhantes que se equivalem no mesmo nível hierárquico de estrutura sintática.

Halliday e Matthiessen (2004: 384) ponderam que a parataxe é a ligação de elementos de status igual, com uma gama de distintas relações lógico-semânticas entre si. E tanto a oração primária quanto a oração secundária

são livres, no sentido de que cada uma pode permanecer como um todo funcional. A relação paratática é logicamente “simétrica” e “transitória” e isto pode ser explicado com o juntor *and*: “*salt and pepper*” implica “*pepper and salt*”, de modo que a relação é simétrica, “*salt and pepper*”, “*pepper and mustard*” juntos implicam “*salt and mustard*”, de modo que a relação transitória.

Na perspectiva da gramática tradicional, Duarte (2007) assevera que a coordenação é uma forma de organização sintática na qual nenhum termo exerce função sintática no outro, pois não dependem um do outro, sintaticamente, como visto em “As duas turistas de Lisboa chegaram e os dois rapazes brasileiros partiram”. Em vista disso, a autora ressalta a importância de reconhecer as relações de coordenação e subordinação para que se compreenda a arquitetura do período que se apresenta na língua portuguesa. Quando os falantes brasileiros falam ou escrevem, com efeito, utilizam essas relações sintáticas fundamentais com estruturas simples ou oracionais na tessitura textual.

Na relação paritária, as orações são funcionalmente autônomas, sendo, portanto, a presença do juntor uma face da construção. As arquiteturas paratáticas são “construções que estão na fronteira fluida entre maior e menor dependência sintática [...]” (LONGHIN-THOMAZI, 2013: 42). Do ponto de vista semântico, a própria autora acrescenta que qualquer relação de sentido pode ser codificada por arranjos paritários ou hierárquicos, por exemplo, em “Forão pescar, e apanharão em pouco tempo uns poucos de peixes.”, codifica-se a relação de sentido temporal e em “Eu sou capaz de apanhar outro pontapé, e tu não!”, a relação de sentido contrastivo.

## 2. ESTUDOS SOBRE A MULTIFUNCIONALIDADE DO JUNTOR *E*

Em trabalho pioneiro, em sua tese de livre docência, Rocha Lima (1975) afirmou que na esfera dos morfemas de coordenação, o *e* se constitui um dos ofícios mais relevantes, devido à extensão e frequência de seu uso em gêneros textuais diversos. A partir do valor primário que o *e* carrega, ou seja, o valor aditivo, alarga-se a área significativa de valores, em virtude da atuação de elementos que seria lícito chamar “paracoordenativos”, que são os advérbios de enlace, a entoação, as pausas melódicas, tudo que gere, em função do contexto, um efeito de sentido especial.

Sendo assim, para Lima (1975: 14-76) o juntor *e* avulta em carga afetiva, desbotadas já as suas características fundamentais de liame intraoracional e interoracional. Em “Os doze de Inglaterra e o seu magriço” o *e* não adiciona

um termo ao outro, mas inclui um no primeiro, para destacá-lo. Em “Há mulheres *e* mulheres. Mulheres *e* mulheres.” o *e*, de envolta como o efeito de sentido criado pela entoação e pela pausa melódica, marca a diferença de pontos de vista com que encaramos pessoas e coisas: uma comparação, em suma. Opõe-se, assim, um julgamento valorativo a um julgamento pejorativo – um encarecimento a uma depreciação. Em “Tosco *e* rudo” o *e* enlaça dois termos pertencentes à mesma série sinonímica. Em “Não nascemos para ser marido *e* mulher” o *e* tem o mesmo nível de equilíbrio e importância. Em “Uma decepção, *e* funda” o *e* separa o adjetivo do substantivo determinado, assegurando àquele uma independência que já o realça e formando com ele um bloco semântico de entoação característica. Em “Aquela triste *e* leda madrugada” o *e* apresenta simultaneidade, em que se sobressai quando se relacionam coisas opostas. Em “Esbombardeia, acende *e* desbarata” o *e* figura numa série de fatos sucessivos é vizinho do seu valor fundamental aditivo. Em “Experimentai, *e* verei” o *e* tem valor hipotético, pois a segunda oração encerra a consequência da condição (ou da hipótese provável) expressa na primeira, que traz sempre o verbo no imperativo; a oração que se coordena tem o verbo no futuro. Em “Sentiu-se desambientado *e* sofreu” o *e* apresenta uma correlação causa/consequência, na qual o evento determinante de outro é a causa, esse outro é a sua consequência. Em “Este cálix (*e* o enchia-o novamente). Este cálix é um breve estribilho” o *e* se realiza ao mesmo tempo copulativo e afetivo. Em “Mais quis dizer, *e* não passou daqui” o *e* expressa um valor opositivo com gradações de concessão, compensação e contraste. Em “*E* em negócios do mundo pouco acerta”, o *e* ilógico de raízes, pois talvez esta construção tenha desaparecido no século XVI.

Além disso, o *e* pode vir em início de frase com caráter afetivo (encabeça a tomada da palavra por uma personagem) nas respostas “*E* o corvo disse: nunca mais”, nas interrogações “*E* agora, José?”, nas exclamações “*E* dizer que se matara por mim!”; com caráter arquitetural (papel forma, esmaecido de valor psicológico e lógico) de abertura “*E* as caravelas de Cabral vieram um dia”, de encerramento “*E* cravou o punhal no coração”, de bíblico “*E* a palavra do homem: Eu sou o verbo. *E* o espírito do homem: Eu sou o verbo.”

Cunha e Cintra (2007: 596) também ressaltam os valores particulares que certas conjunções coordenativas podem assumir no discurso, os quais são variados matizes significativos, de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados. Assume-se que a conjunção *e* pode ter os seguintes valores: aditivo/adversativo “Tanto tenho aprendido *e* não sei nada.”; conclusivo/consecutivo “Embarco amanhã, *e* venho dizer-lhe adeus.”; final “No elevador, em frente ao espelho, levou um

lenço aos olhos *e* retocou a pintura.”; consecutivo “Estou sonhando, *e* não quero que me acordem.”; explicativo/enfático “Você ignora que quem os cose sou eu, *e* muito eu”; introdutor de intensidade afetiva “*E* os críticos! *E* os leitores! *E* a glória! Esgaravatarem tudo, raspam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.”; e valor paralelístico “*E* a minha terra se chamará a terra de Jafé, *e* a tua se chamará a terra de Sem; *e* iremos às tendas um do outro, *e* partiremos o pão da alegria e da concórdia”.

Por sua vez, Bechara (2007: 322) assume que frequentemente o grupo de unidades coordenadas permite aos falantes extrair conteúdos suplementares de causa, consequência e oposição, em razão do significado dos lexemas envolvidos na adição. Estes sentidos contextuais, importantes na interpretação do texto, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas. O exemplo proposto pelo autor mostra como as relações de sentidos (primária) de adição e (secundária) de oposição se sobrepõem sem afetar o sentido de ambas as unidades: “Rico *e* desonesto (Rico, mas desonesto)”.

As conjunções simples podem assumir, conforme Matos *apud* Mateus *et al.* (2003: 568), para além dos valores prototípicos, que são outros consoantes a partir do potencial semântico dos termos coordenados. Esses valores são usualmente considerados como cumulativos, no sentido de que o valor prototípico inicial nunca é totalmente erradicado, ou seja, ele permanece com o valor ou valores secundários. A título de exemplo da autora, “Ela é inteligente *e* não esperta.”, é visível como o valor prototípico de adição e o valor outro de contraste convergem. No exemplo seguinte, “Às oito da noite, a Ana janta *e* vê o telejornal na televisão”, nota-se a combinação do valor aditivo e do valor temporal de simultaneidade.

Matos e Raposo (2013: 1791-1792) reforçam que a conjunção *e* permite interpretações diversas, além da interpretação aditiva, entretanto, faz-se necessário compreender que nem todos os valores são facilmente discerníveis. E, por isso, os autores optam por mencionar apenas os valores mais evidentes, como adversativo, conclusivo, condicional e temporal, a fim de evitar possíveis equívocos. A conjunção *e* opera sobre preposições e tem propriedades lógicas de conectores conjuntivos da lógica proposicional. A proposição como resultante é verdadeira se o for cada uma das proposições coordenadas. Essa conjunção possui outra propriedade que a distingue das outras conjunções copulativas, a qual pauta-se nas suas variadas interpretações possíveis. Desse modo, os outros valores semânticos da coordenação com *e* são mencionados pelos autores, como o valor condicional

que apreende a subordinação condicional, então, elucidado: Não fazes o que te peço, *e* fico zangada! (Se não fazes o que te peço, fico zangada!). Ela lê esse capítulo *e* resolve todos os problemas (Se ela lê esse capítulo, resolve todos os problemas). Quando as estruturas coordenadas assumem estes valores, a manutenção da ordem dos termos é inicial para veicular o sentido pretendido.

A função do *e* segundo Vilela e Koch (2001: 203) é, portanto, de unir duas ou mais palavras de mesma natureza gramatical ou duas ou mais orações exprimindo relações de natureza diversa. Esses valores se inserem todos no que designam como “coordenada copulativa”, em que o valor normal e prototípico é o de adição ou de inclusão (concomitância) e que o valor dos dois elementos ligados é equivalente. Entretanto, consideram que há ainda uma série de valores que *e* pode realizar contextualmente, o valor de condicional: “Não trabalhas *e* depois vês as consequências”. O valor intenso ou enfático: “Ele viu a atriz *e* saudou-a *e* beijou-a.” Integra-se numa sucessão temporal ou de ordem: Ele veio *e* partiu em seguida. Em “Seja bonita *e* dê-me um café”, a oração colocada como segundo membro exprime o estado de coisa essencial, ao passo que a primeira oração, a expressão de delicadeza.

Em virtude dessas considerações, pode-se afirmar que os valores outros do *e*, nas construções paratáticas, mais evidentes para os pesquisadores da língua portuguesa foram: adversativo, conclusivo, condicional, temporal, iniciador de oração ou discurso que, entretanto, não descartam o valor primário aditivo do *e*, mas coatuam com ele. Assim, na próxima seção, discorre-se acerca dos valores do *e* mapeados e analisados no corpus do século XVIII, bem como fatores composicionais que podem contribuir para a análise destes valores.

### **3. A MULTIFUNCIONALIDADE DO JUNTOR *E* NO CORPUS: DO MAPEAMENTO A UMA ANÁLISE MISTA**

A metodologia desta pesquisa se caracteriza pelo uso dos métodos mistos de Creswell (2007) com a coleta de dados quantitativos e qualitativos ao mesmo tempo, então a prioridade dada a um método vai determinar se o pesquisador vai usar uma técnica qualitativa ou quantitativa para as definições. Além disso, fundamenta-se nas propostas de Johannes Kabatek

(2006) e de Sanderléia Longhin- Longhin-Thomazi (2013), as quais revistam a *Análise Multidimensional* de Douglas Biber (1988)<sup>2</sup>.

A proposta de Kabatek (2006), com base nos traços de composicionalidade, elege a *junção* como fenômeno importante para apreensão de Tradições Discursivas<sup>3</sup>, desse modo, numa abordagem quantitativa e qualitativa conjuga tipos de juntores, frequência relativa, distribuição no texto e grau de complexidade morfosintática e semântico-cognitiva. Longhin-Thomazi (2013) descreve o estatuto construcional das paratáticas, reconhecendo as relações de sentido e correlatos formais a partir dos mecanismos interpretativos de tais construções em cartas não literárias (cartas pessoais e cartas leitoras de jornal) do século XIX, produzidas no Rio de Janeiro. A autora propõe o entrelaçamento entre a parataxe, hipotaxe e as relações de sentido (adição, alternância, tempo, modo, causa, condição, contraste e concessão).

O *corpus* se constitui de trinta missivas autógrafas de mercadores de diversas localidades do Brasil (Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro), de Portugal (Alcantarilha, Alcuve, Alto do Monte, Faro, Ferragudo, Lisboa, Porto, Setúbal, e de outras localidades da África, da Europa e da Ásia (Bissau, Ilha de Santiago de Cabo Verde, Macau, Berlim, Bordéus, Hamburgo) a um único remetente Antonio Esteves Costa (1764-1837), que foi Barão e depois Visconde das Picoas, Comendador da Ordem de Cristo e diretor do Banco de Portugal. Essas missivas pertencem ao *corpus* mais amplo, localizado na caixa 224 da seção “Reservados” da Biblioteca Nacional de Lisboa e possuem datação de fins dos anos 1700 a 1800.

Das trinta missivas, dezesseis possuem uma página e quatorze possuem duas páginas. Em relação aos vocábulos e a translineação, a menor missiva possui oitenta e duas palavras e doze linhas e a maior missiva contém quatrocentas e noventa e oito palavras e quarenta e seis linhas. Não foi realizada a contagem de parágrafos, pois algumas cartas não têm paragrafação definida. O *corpus* foi selecionado e transcrito com rigor filológico, de modo semelhante ao de Guimarães (2019), em função de um perfil mais conservador, sem perder de vista a preocupação com o leitor

---

<sup>2</sup> A *Análise Multidimensional* (BIBER, 1988) abrange a diferenciação de uma variedade de gêneros textuais, por meio da consideração concomitante de um conjunto extenso de parâmetros linguísticos e situacionais (LONGHIN, 2013).

<sup>3</sup> Constituem-se as formas repetidas e ritualizadas de dizer e de escrever, que adquirem significado e representação próprios; nessa convencionalização, unem-se a atualização e a tradição dos usos linguísticos (LONGHIN, 2013).

contemporâneo. Tenciona-se, portanto, uma transcrição/edição das cartas de perfil diplomático-interpretativo.

Kabatek (2006) propõe mapeamento, quantificação e tabulação de todas as construções de junção dos textos, em função das possibilidades de combinação (agregação e integração<sup>4</sup>) elencadas por Raible (1988). Contudo, este estudo segue a orientação de Longhin-Thomazi (2014) sobre a escolha do modo de composição ser uma questão regida por aspectos da TD e, portanto, abrange-se as construções paratáticas com o juntor *e*, devido ao viés oralizante das cartas de comércio. E também, realiza-se a estratégia explanatória sequencial de Creswell (2007: 215) que é caracterizada pela coleta e análise de dados quantitativos, seguida pela coleta e análise de dados qualitativos, dando-se a prioridade para os dados quantitativos para auxiliar na explicação e interpretação de resultados.

Neste tocante, coletou-se e analisou-se a significativa ocorrência de arquiteturas paratáticas com o juntor *e* no *corpus*, um total 144 ocorrências com outros valores de sentido além do aditivo: causa, iniciador, contraste e tempo, que exigem mais cálculo de sentido do interlocutor, por inferências cotextuais e contextuais. Para a sistematização das ocorrências, agrupamos 10 missivas para cada região (Brasil<sup>5</sup>; Portugal<sup>6</sup>; Outras Localidades<sup>7</sup>) e consideramos as relações de sentido das construções paratáticas com juntor *e*, como se observa na tabela 1.

Para a organização dos dados, dada a correlação entre as missivas por região e o número de ocorrências que elas apresentam por relação de sentido do juntor *e*. Obteve-se mais ocorrências com o valor aditivo (60), seguido do causal (37), iniciador (21), contrastivo (18) e temporal (8) que podem comportar o valor primário de adição. Assim, nas dez missivas endereçadas do Brasil, constatou-se o total de sessenta ocorrências de paratáticas com o juntor *e*, em que vinte e sete delas apontam a maior proeminência da relação aditiva, o que ocorre também nas dez missivas enviadas de Portugal onde, das cinquenta e uma ocorrências de paratáticas, vinte e uma delas são de valor aditivo e nas dez missivas remetidas das outras localidades (partes da Europa, África e Ásia) nas quais, das trinta e três ocorrências, doze são aditivas. Contudo, cabe salientar que o segundo e terceiro maior número de

---

<sup>4</sup> Essas são: justaposição, relação dêitica, orações explicitamente unidas, subordinação, construções de gerúndio e particípio, perífrases preposicionais, preposições (KABATEK, 2005).

<sup>5</sup> Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Alcantarilha, Alcuve, Alto do Monte, Faro, Ferragudo, Lisboa, Porto, Setúbal.

<sup>7</sup> Berlim, Bissau, Bordéus, Hamburgo, Ilha de Santiago de Cabo Verde e Macau.

ocorrências foi o causal e iniciador, respectivamente, restando os valores temporal e contrastivo com números menores.

PARATAXE						
Missiva agrupada por região	Valor de sentido					Total de dados (Missiva por região)
	Adição	Causa	Iniciador	Contraste	Tempo	
10 Missivas do Brasil <sup>5</sup>	27	17	6	8	2	60
10 Missivas de Portugal <sup>6</sup>	21	12	7	8	3	51
10 Missivas de outras localidades <sup>7</sup> (partes da Europa, África e Ásia)	12	8	8	2	3	33
Total de dados (Valor de sentido)	60	37	21	18	8	

**Tabela 1:** Mapeamento e quantificação do juntor e por missiva agrupada por região e valor de sentido.

Posteriormente, o *corpus* foi analisado qualitativamente mediante a conjugação dos parâmetros de Longhin-Thomazi (2013) e das propriedades linguísticas do texto. Conforme Koch (1993: 402-405), o contexto verbal (contexto) tem papel decisivo na elaboração de inferências, tendo em vista a relação entre as partes de um texto: os enunciados antecedentes determinam o contexto dos subsequentes. Certas propriedades linguísticas do texto como os recursos coesivos: referência pronominal, apagamento, coesão lexical, acarretamento e pressuposição, conectores colaboram para a compreensão textual. A autora salienta que as inferências são processos atualizados de pensamento ou raciocínio necessários para identificar as partes da informação no interior/ entre/ por trás de textos verbais; decompor tais partes de informação em seus constituintes; conectar a informação entre os constituintes de textos verbais e extrair informações desses; invocar informação que a eles deve ser acrescentada; compor a informação necessária para completa-los, o autor defende a posição de que é impossível ao ser humano organizar o mundo textual sem recorrer aos processos inferenciais.

A inferência, na concepção de Charaudeau e Maingueneau (2004: 274), trata-se de uma atividade de raciocínio referente à passagem de uma proposição a outra quanto a seu possível valor de verdade. As inferências

naturais são o resultado de um “cálculo mais ou menos complexo”. As relações de sentido entre sentenças, segundo Ilari (1999: 51) são acarretamento e pressuposição. O autor afirma que o acarretamento é uma relação de sentido entre sentenças, cuja caracterização, ao ser aceita a primeira frase como verdadeira, tem de ser aceitar a segunda como verdadeira. Desse modo, aplica-se o teste de verificação de acarretamento: “se é verdade que x, é verdade que y”. E por meio da aplicação desse teste, nos exemplos: “Mãe, quebrei o vidro de geleia; Mãe, o vidro de geleia quebrou”, há acarretamento, pois quem aceita a primeira oração como verdadeira, não pode deixar de admitir a segunda como verdadeira.

De acordo com Ilari (1999: 54), a pressuposição consiste num fenômeno mais forte que o acarretamento, porque depende do significado lexical de escolha do falante e da verdade da sentença, há sempre marcador de pressuposição, conteúdo posto e conteúdo pressuposto, assim uma oração pode se desdobrar em duas. No exemplo, “Pedro parou de bater na mulher” o marcador de pressuposição é o verbo parou que indica mudança de estado. O conteúdo pressuposto é “Pedro batia na mulher, no passado.” E o conteúdo posto é “Pedro não bate na mulher, atualmente”.

Diante do exposto, propõe-se uma análise de outros níveis, além do puramente sintático, das ocorrências nas quais o juntor *e* apresenta outros valores além do prototípico de adição, inicialmente, das relações de tempo e de contraste. Ainda, consoante à orientação teórico-metodológica de Longhin-Thomazi (2013, 2014), entretanto, estendendo-se a outras perspectivas.

### **3.1 AS PARATÁTICAS DE ADIÇÃO NO CORPUS**

As paratáticas de adição foram apreciadas em trabalhos sobre fases antigas da língua portuguesa, assim como em trabalhos sobre a fase moderna da língua. Contudo, essas pesquisas apontam que o valor aditivo não é exclusivo, permitindo que outros valores concorram também.

De acordo com o trabalho pioneiro de Dias (1918: 856), a conjunção copulativa *e* pode ocorrer por imitação do latim, equivalendo a inclusivamente: “[...] polos doze Pares dar-nos quero | Os doze de Inglaterra e o seu Maguiço.” Nesse sentido, de acordo com Silva (1993: 20), a coordenação por excelência é do tipo aditivo ou copulativo e a conjunção que a expressa é o *e* (latim. *et*). Na documentação do período arcaico, o *e* além de ligar frases, ocorre como conector de enunciados, isso é, como elo

encadeador do discurso. “E eles deceron das bestas e poseron-no contra a vontade em cima de seu cavalo de que primeiramente derribaron.”

Construções paratáticas com valor de adição		
	Quantificação	Ocorrências (exemplos)
Missivas do Brasil	27	(01)[...]Escrevi aVossamerce elheparticipei oque havia Paçado eque Contace que sahia em6 deSetembro [...]. [Carta: 224_434/L.4-5-Rio de Janeiro-Brasil].  (02) [...] o qual me diSse que eSse sugeito fora com o Bispo de Angola e que lhe deziao que lá [...]. [Carta: 224_434/L. 16- Rio de Janeiro- Brasil].
Missivas de Portugal	21	(03) [...] etenho quepa-gar aos tanueiros que anda por trita e-tantos mil reis e tenho demandar buscar sal eseis os para azeitona [...]. [Carta: 224_366/L.6-9- Alcuve- Portugal].  (04) [...] Fico para emtudo servir, edar gosto apessoa deVossamerce [...]. [Carta: 224_77/L.22-23- Porto-Portugal].
Missivas de Outras Localidades (parte da Europa, África e Ásia)	12	(05) [...] Logo falei emojtreÿ os SeuJ [difomen[...]. [Carta: 224_378/ L.6- Bissau- República da Guiné-Bissau].  (06) [...] espero de receber a sua determinação a este respeito e juntamente se ao reme- ter do Conhecimento [...].[Carta: 224_083 /L.14-16- Hamburgo- Alemanha].

**Tabela 2:** Algumas ocorrências de construções paratáticas aditivas no *corpus*.

Preliminarmente, identificaram-se as paratáticas aditivas no *corpus* do século XVIII. Observou-se que no conjunto de dez missivas do Brasil, ocorrem vinte e sete estruturas paratáticas aditivas, enquanto no conjunto de Portugal decorrem vinte e uma e em outras localidades da África e da Ásia verificam-se doze. Pode-se constatar que nas missivas brasileiras construiu-se o maior número de estruturas paratáticas aditivas. A seguir, exemplificam-se algumas paratáticas de adição no *corpus*.

Percebe-se que as arquiteturas paratáticas aditivas possuem relevância no *corpus*, o que mostra a produtividade do juntor *e*, sobretudo, com sua função aditiva, segundo os exemplos de juntar enunciados ou adicionar proposições. Por sua vez, Longhin-Thomazi (2013: 47) considerou a alta frequência das aditivas, entretanto, não as incluiu em sua investigação, visto que seu objetivo era investigar outros valores do juntor *e*. Em estudos sobre o português contemporâneo, Matos e Raposo (2013: 1787-1792) restringem à coordenação binária com *e* em orações declarativas, o valor semântico da adição efetivada por uma coordenação copulativa pode ser de dois tipos: adição de proposições e adição de entidades ou de propriedades. A interpretação semântica das estruturas com coordenação copulativa faz-se relevante e não a estrutura sindética.

### 3.2 AS PARATÁTICAS DE CAUSA NO *CORPUS*

Diversos autores assinalam que o *e* pode apresentar relações de causa, efeito, consequência ou resultado, dentre outras, que permitem afirmar que o valor de causa resulta bem complexo e, por isso, englobam-se esses e outros valores nas chamadas paratáticas de causa. A conjunção coordenativa *e*, segundo VILELA & KOCH (2001: 203), pode assumir, tendo em vista o contexto, os valores de causa e efeito, consequência ou resultado, equivalendo a “por isso”: “Estava mau tempo *e* decidimos não sair.”

A investigação resulta nas amostras de causalidade no *corpus*: as missivas brasileiras apresentam um total de dezessete paratáticas causais, enquanto as missivas portuguesas possuem um total de doze e as missivas pertencentes a outras localidades da África e da Ásia é de oito. Destarte, as missivas brasileiras apresentam o maior número de ocorrências em relação às outras. Assim, mencionam-se alguns exemplos de causalidade no *corpus*. Convém destacar que Matos & Raposo (2013: 1791) apontam a dificuldade de classificação dos casos mais polissêmicos: “Nem todos os outros valores são facilmente discerníveis. Optamos por mencionar apenas os mais evidentes.”

Em vista das múltiplas relações que as construções causais explicitam, cabe, portanto, um estudo mais aprofundado que permita demarcar os seus pormenores. Neste artigo, o objetivo foi apenas de chamar a atenção para as questões fundamentais inerentes ao fenômeno. Longhin-Thomazi (2013: 50) pondera que a causalidade se constitui de uma categoria fundamental para processos de cognição como compreensão, predição e explicação, bem como para os construtos do conhecimento humano. No entanto, concerne a um domínio altamente polissêmico que na linguagem resulta em construções

linguísticas estritamente binárias, que se desdobram na expressão dos sentidos de causa, efeito, razão, explicação, justificativa, motivo e consequência.

Construções paratáticas com valor de causa		
	Quantificação	Ocorrências (exemplos)
Missivas do Brasil	17	(07) [...] nao achou quem lhe desse letras a pagar nesta em dinheiro metálico, e me propoem Sacar em Sobre a Sua Caza [...]. [Carta: 224_164/L. 23-25- Maranhão- Brasil]. (08) [...] não Saio daqui nem tomo deliberacao nenhua, e bem mal mefas não ter elle recebido [...] [Carta: 224_206/L.15-16- Rio de Janeiro- Brasil].
Missivas de Portugal	12	(09) [...] paguei aceifa do trigo efiquei sem dinheiro [Carta: 224_57/L.17-18 -Alcuve-Portugal]. (10) [...]ainda não foi à Gazeta, e os Seus Amigos estão conferenciando [...] [Carta: 224_004/L.20 -Lisboa-Portugal].
Missivas de Outras Localidades (parte da Europa, África e Ásia)	8	(11) [...]vendo eu que venciamos ben a agoa da Bomba emedetreminiei aseguir aviagem [...] [Carta:224_268/L.6 -Bordeus-França]. (12) [...]Sera nem Le traj que não tinha, eque nem Sefoi oSeu ajujte [...] [Carta: 224_378/L.9-11- Bissau - República da Guiné-Bissau].

**Tabela 3:** Algumas ocorrências de construções paratáticas causais no *corpus*.

Tal complexidade pode ser notada em Matos & Raposo (2013: 1793) uma vez que o *e* assume o valor de causa e corresponde a locução (por isso) no primeiro exemplo: “Acabei a tarefa que tinha em mãos e vou descansar.”(por isso). E no segundo exemplo, *e* carrega um valor conclusivo e refere-se à locução (e portanto): “Estava doente e não conseguia levantar-se da cama.” (e portanto).

Construções paratáticas com valor de iniciador de discurso		
	Quantificação	Ocorrências (exemplos)
Missivas do Brasil	6	(13) [...] quanto for apurando Vou Comprando Caixas. efique certo que não sahindo <sup>11</sup> em 6 deSetembro sayo a21 do Setembro[...]. [Carta: 224_33/L.23-24- Pernambuco- Brasil].  (14) [...] oque muito estimei, eemquanto ao mais que vossa mercê [...] [Carta: 224_189/L. 9-Maranhão- Brasil].
Missivas de Portugal	7	(15) [...] aqualidade seespera muito melhor, e em poucos dias espero receber Vinhos do Douro[...]. [Carta: 224_77/L.13-14- Porto- Portugal].  (16) [...] maj sim que nomiace outroj benj, eaeste despacho veio elle com Embargos [...] [Carta: 224_096/L.8-9- Faro- Portugal].
Missivas de Outras Localidades (parte da Europa, África e Ásia)	8	(17) [...] dei para os dois protegidos devossamerce; e inclusas acharas as licen- ças , que para os mesmos pede[...] [Carta: 137_895 / L.12-14- Ilha de Santiago de Cabo Verde-R. de Cabo Verde].  (18) [...] o mais breve que puder ser eaRespeito domais quando tiver ocaziaõ noticiarei [...] [Carta: 224_268/ L.16- Bordeus- França].

**Tabela 4:** Algumas ocorrências de construções paratáticas (iniciador de discurso) no *corpus*.

O valor de iniciador de discurso ocorre em fases diversas da língua, na posição inicial de enunciados, conectando enunciados de alguma forma e denotando uma mudança de assunto a outro. Na documentação do período arcaico, Silva (1993) afirma que o conector *e* liga frases, e também ocorre como conector de enunciados, isto é, como encadeador do discurso. Assim, Neves (2000: 745) assume os empregos do *e* que ocorrem em início de enunciado, isto é, em início de um novo ato de fala (em início de turno obedecendo a determinações pragmáticas). Vilela e Koch (2001: 203) avultam a conjunção coordenativa e com valores de ênfase e de exortação, no

início e desligado pré-texto: “E a hora é de trabalhar, mas todos fazem política.”

A análise denota a existência de ocorrências do juntor *e* como iniciador de discurso ou introdutor oracional, no *corpus*: nas missivas do Brasil, o registro é de seis ocorrências, no entanto, em Portugal é de sete e em outras localidades da África e da Ásia é de oito. Portanto, as missivas de outras localidades apresentam o maior registro de ocorrências. Assim, expõem-se alguns exemplos de *e* como iniciador de discurso no *corpus*.

Tendo em vista os dados, percebe-se que nas missivas do século XVIII, o juntor *e* é bem recorrente como iniciador de discurso que funciona como introdutor de uma informação. De acordo com Cunha & Cintra (2007: 596), o *e* pode iniciar frase de alta intensidade afetiva, com o valor próximo de interjeição, facilitar a passagem de uma ideia à outra, mesmo que não relacionadas, que vem repetidas ritmicamente e fórmulas paralelística que imitam o chamado estilo bíblico. Castilho (2010: 350) considera que a conjunção *e* deriva do *et*, que tem significado de “e também, e mesmo, e mais, e então”, com a função de acrescentar informações, adiciona-las a algo que já foi dito. E no início de enunciados, essa conjunção preserva o valor latino original, de adicionar atos de fala discursivamente ativo. Por isso, o falante explora as propriedades sintáticas e discursivas do *e* “\*Se eu não o encontro *e*?”

### 3.4 AS PARATÁTICAS DE CONTRASTE NO CORPUS

No plano da multiplicidade de valores semânticos que o juntor *e* pode ter, o valor contrastivo é o mais mencionado nos estudos diacrônicos e sincrônicos. Esse valor pode ser constatado através de uma análise que considere o paralelismo estrutural ou a quebra de expectativas nas orações. Em um trabalho de sintaxe histórica, Dias (1954: 856) afirma que *e* pode ligar cláusulas onde haveria um valor adversativo: “A verdade fica, *e* as preocupações passam. A verdade fica, *mas* as preocupações passam.”

Numa perspectiva sincrônica, Vilela & Koch (2001: 203) determinam que o *e* pode realizar-se dentre os múltiplos valores semânticos, inclusive o valor próprio de adversativo: “Uma moça bonita *e* antipática.” Conforme Matos & Raposo (2013: 1773), a conjunção *e* quando possui um valor adversativo recebe uma interpretação idêntica à coordenação adversativa com *mas*, o que lhe permite uma substituição: “Passo a vida a correr *e* estou sempre atrasada!” (*mas*). Longhin-Thomazi (2013: 53) afirma que os índices que sustentam a relação de contraste das construções com *e* são: o paralelismo

estrutural aliado à negação explícita que emerge da estrutura argumental de um predicador; e a quebra de expectativas, promovida por segundo membro da construção.

Construções paratáticas com valor de contraste		
	Quantificação	Ocorrências (exemplos)
Missivas do Brasil	8	(19) [...] Sua Ordem he para Caixas eobrigue naõ Pode abarotar deCaxas [...] [Carta: 224_33/L.20-21- Pernambuco-Brasil].  (20) [...] me rozolvi aficar aqui athe elle chegar ouoCompa nheiro, e cazo tardem muito neste cazo me rezolvo a lá ir [...]. [Carta: 224_429/ L.11-12- Pará-Brasil].
Missivas de Portugal	8	(21) [...] se Vossamerce gostar daqualidade mefavorecera, com as suas novas ordens, ese não gostar, pacien=cia [...]. [Carta: 224_77/L.17-19- Porto-Portugal].  (22) [...] esta ja Sahio eomeu Requerimento tinha Sido mais antigo naõ Sei aonde para [...]. [Carta: 224_212/ L.7-8- Alto do Monte- Portugal].
Missivas de Outras Localidades (parte da Europa, África e Ásia)	2	(23) [...] medetreminei aseguir aviagem domeu destino esendo pellas Ilhas fui aprezado [...] [Carta: 224_268/L.6-7- Bordeus- França].  (24) [...] Dispos de eu ter escrevido efa[ltado] aCarta [...] [Carta: 224_377/L.2-Bissau- República da Guiné-Bissau].

**Tabela 5:** Algumas ocorrências de construções paratáticas contrastivas no *corpus*.

A análise mostra as ocorrências de paratáticas de contraste referente ao corpus: as missivas brasileiras e portuguesas revelam um maior número de paratáticas de contraste, num total de oito em cada. Ao passo que nas missivas de outras localidades, o número foi bem menor, num total de duas. Diante dos resultados, exemplificam-se algumas amostras pertinentes.

Em vista da análise dos dados e dos preceitos de Longhin-Thomazi (2013: 50) sobre os índices linguísticos que sustentam a relação de contraste: paralelismo estrutural aliado à negação explícita e a quebra de expectativas. Tais atores são conjugados às propriedades linguísticas do texto, segundo Ilari (1999), Koch (1993, 2002, 2007), Charaudeau & Maingueneau (2016): inferências, recurso coesivo (referência pronominal, apagamento, coesão lexical...), acarretamento e pressuposição.

Uma ocorrência de constraste, “[...] se Vossamerce gostar da qualidade me favoreceria, com as suas novas ordens, e se não gostar, paciência [...]” [C6/L.17-19] [Contraste]. O recurso coesivo consiste no apagamento do elemento da qualidade e de vossa mercê, na segunda oração. A presença do paralelismo estrutural aliado à negação explícita é evidente na segunda oração, com a repetição simétrica da estrutura “se gostar” aliada ao advérbio de negação “não”. O acarretamento mostra que: “Se é verdade que se vossa mercê gostar da qualidade me favorecerá com as suas novas ordens é verdade que se não gostar, paciência.” A pressuposição é evidente por meio do marcador de pressuposição: conjunção condicional *se*. Assim, o conteúdo pressuposto: Vossa mercê ainda não gostou da qualidade. E o conteúdo posto: Vossa mercê pode não gostar da qualidade.

A segunda ocorrência de constraste, “[...] Sua Ordem he para Caixas e o brigue não pode abarrotar de Caixas [...]” [C1/L.20-21] [Contraste]. O recurso coesivo refere-se à repetição do elemento lexical *Caixas* pelo elemento monotongado *caxas*, e a elipse do verbo “embarcar”. Verificam-se o acarretamento: “Se é verdade que a sua ordem é (embarcar) para caixas é verdade que o brigue não pode abarrotar de caixas”, e a pressuposição, por meio do marcador de pressuposição: o verbo “ser” indica apresentar-se como fato, dar-se, ocorrer, acontecer. Assim, o conteúdo pressuposto: Sua ordem era (embarcar) caixas. E o conteúdo posto: A embarcação brigue não pode (navegar) abarrotado de caixas. Patenteia-se a quebra de expectativas de quem deu a ordem de transportar muitas caixas e que é avisado de que a embarcação não suporta tantas caixas assim.

Uma terceira ocorrência, “[...] vim a encontrar uma fora para elas e esta bem desmazelada que causa compaixão [...]” [C.8/L.13-14] [Contraste]. Nota-se o recurso coesivo de apagamento do elemento lexical, retomado pela morfologia de terceira pessoa do singular do verbo *estar* e do morfema feminino *-a*. No predicativo *desmazelada*. Observam-se acarretamento: “Se é verdade que ele veio encontrar uma fora para elas é verdade que estava bem desmazelada que causa compaixão” e pressuposição: marcador de pressuposição: verbo “encontrar”. Dessa forma, o conteúdo pressuposto:

Veio encontrar uma fora para elas. E o conteúdo posto: A que encontrou está bem desmazelada que causa compaixão. Dessa forma, presume-se que o sujeito veio encontrar algo que não estivesse desmazelado fora, mas sofreu uma quebra de expectativa, pois encontrou-a bem desmazelado, e essa situação lhe causa compaixão.

Por conseguinte, o valor de contraste possui particularidades semânticas que revelam a diversidade como valor complexo que deve ser entendido como além da simples interpretação da coordenação adversativa, *mas*. Em conformidade, o trabalho inaugural de Lima (1975: 8) considera que o termo adicionado pelo juntor *e* pode corrigir, contradizer ou anular aquele que o precede e por esta via transita para a ideia de oposição, com a sua semântica adversativa, concessiva e de contraste.

### 3.5 AS PARATÁTICAS DE TEMPO NO *CORPUS*

As paratáticas de tempo foram constatadas nos estudos contemporâneos, que ponderam a ordenação temporal dos eventos o fator de sustentação da relação de tempo como elementos para sua análise. Longhin-Thomazi (2013: 49) ressalta que dentre as possíveis relações temporais, as paratáticas se caracterizam pela sequencialidade: uma relação entre o evento anterior e o evento posterior no tempo, fundada na ordem icônica dos eventos no mundo ou em faces de expressões coesivas adverbiais (depois, então, etc). Nesse sentido, Matos & Raposo (2013: 1773) salientam que o valor de sequencialidade temporal se compõe da ordenação temporal dos acontecimentos, quando denotam situações que são, pelo seu conteúdo, facilmente entendidas como sequenciais: “Vimos a Maria e dirigimo-nos ao café da esquina (depois). Peguei na mala e entrei no autocarro (em seguida). Foi atropelado e morreu. (depois disso)”.

A análise mostra os índices das paratáticas temporais pertencentes ao *corpus*: as missivas de Portugal e de outras localidades da Europa, da África e da Ásia contém três paratáticas de tempo. Enquanto as missivas do Brasil indicam duas paratáticas de tempo. O maior número de ocorrências de paratáticas de tempo se encontra nas missivas de Portugal e outras localidades. Desse modo, listam-se alguns exemplos de paratáticas de tempo no *corpus*.

Posteriormente, realizou-se uma análise fundamentada na proposta de Loghin-Tomazi (2013: 50) sobre os índices linguísticos que sustentam a

Construções paratáticas com valor de tempo		
	Quantificação	Ocorrências (exemplos)
Missivas do Brasil	2	(25) [...] comprara outra Canoa para os conduzir a esta Cidade, eque hade partir no ultimo deste mez [...]. [Carta: 224_429/ L. 9-10 -Pará-Brasil].  (26)[...] o que não obsta porque tanto do Abade que então era e hoje he Provincial [...]. [Carta: 224_164/L. 10-12- Maranhão-Brasil].
Missivas de Portugal	3	(27) [...] hoje findou o tempo e logo sepasa mandado aSacar os Autos[...]. [Carta: 224_096/ L.9-10- Faro-Portugal].  (28) [...]Eu como na ocaziaõ estava, e estou com ocomando de dois [vs.es] [...]. [Carta: 224_212/L.11-12- Alto do Monte- Portugal].
Missivas de Outras Localidades (parte da Europa, África e Ásia)	3	(29) [...] faça isto com amaior brevidade posivel edando-me avizo detudo o mais breve [...]. [Carta: 224_268 /L.15-16-Bordeus-França].  (30) [...] mandara para a sua Embarcaçaõ etendo adita demora por via de [...]. [Carta: 224_379/ L. 19-20- Bissau - República da Guiné-Bissau].

**Tabela 6:** Algumas ocorrências de construções paratáticas temporais no *corpus*.

sequencialidade: morfologia temporal, semântica do verbo, expressão coesiva adverbial, anteposição ou posposição da expressão coesiva adverbial ao juntor. Tal proposta foi associada à análise das propriedades linguísticas do texto, consoante Ilari (1999), Koch (1993, 2002, 2007), Charaudeau & Maingueneau (2016).

Assim, alude-se a uma ocorrência retirada dos *corpus*, “[...] o que não obsta porque tanto do Abade que então era e hoje he Provincial [...]”. [Carta: 224\_164/L. 10-12- Maranhão-Brasil]. No 1º período, “[...] o que não obsta porque tanto do Abade que então era [...]”, notam-se a morfologia temporal de pretérito imperfeito do Indicativo: *era*, a semântica do verbo “ser” evidencia uma identidade, uma característica que o sujeito possuía e a

expressão coesiva adverbial *então*, como também a sua anteposição ao juntor *e*. Na oração “[...] hoje he Provincial [...]”, identificam-se a morfologia temporal de presente do Indicativo: *he*, a mesma semântica do verbo “ser” pois mostra uma identidade, uma característica que o sujeito possui, e a presença da expressão coesiva adverbial: *hoje*, bem como sua posposição ao juntor *e*. O recurso coesivo é marcado pela presença do elemento lexical: *Abade* e a sua retomada pela conjugação de terceira pessoa do singular. Em relação a ordem linear da frase, ocorre a apresentação do passado e em seguida do presente. A partir do teste: Se é verdade que o Abade era provincial, é verdade que o Abade é provincial, verifica-se o acarretamento. O fenômeno de pressuposição se observa devido a três fatores: o marcador de pressuposição, verbo “ser” que indica a permanência de uma característica; ao conteúdo pressuposto: “O Abade era antes um provincial”; e ao conteúdo posto: “O abade permanece como um provincial”.

O segundo dado referente aos *corpus*: “[...] comprara outra Canoa para os conduzir a esta Cidade, eque hade partir no ultimo deste mez [...]”. [Carta: 224\_429/ L. 9-10 –Pará-Brasil]. No 1º primeiro período, observam-se a morfologia temporal de pretérito mais que perfeito: *comprara* e a semântica do verbo “comprar”: obter, mediante pagamento, a propriedade ou o uso de algo. Não há presença de expressão coesiva adverbial anteposta ao juntor *e*. Na segunda oração, apontam-se a morfologia temporal indicada pelo presente do indicativo *ha*, a semântica do verbo “haver”: sentido de algo que irá acontecer, ou seja, a partida irá acontecer e a expressão coesiva adverbial: *último deste mez*, posposta ao juntor *e*. Ressaltam-se o recurso coesivo representado pelo apagamento da morfologia de terceira pessoa do singular, o acarretamento, por meio do teste, “Se é verdade que comprara outra canoa para os conduzir a esta cidade, é verdade que ha de partir no último deste mês”, como também a pressuposição com o marcador de pressuposição: verbo haver: indica existência de algo, o conteúdo pressuposto: “Comprou-se outra canoa” e o conteúdo posto: “A outra canoa comprada partirá no último dia deste mês”.

Um terceiro dado, “[...]Eu como na ocaziã estava, e estou com ocomando de dois [*vs.es*] [...]”. [Carta: 224\_212/L.11-12- Alto do Monte- Portugal]. Na primeira oração, salientam-se a morfologia temporal do pretérito imperfeito do indicativo *estava*, a semântica do verbo “estar”: encontrar-se momentaneamente (em determinada posição), e a presença da expressão coesiva adverbial: *ocaziã*, anteposta ao juntor *e*. O recurso coesivo é representado pelo apagamento da morfologia da primeira pessoa do singular –*ava*. Na segunda oração, destacam-se a morfologia temporal do presente do

indicativo, a mesma semântica do verbo “estar”, e a ausência da expressão coesiva adverbial, posposta ao juntor *e*. O recurso coesivo consiste no apagamento da morfologia da terceira pessoa do singular -ou. Evidenciam-se o acarretamento, mediante o teste “Se é verdade que ele estava no comando é verdade que ele está no comando.” e a pressuposição, com o marcador de pressuposição: verbo estar, o conteúdo posto: “Ele estava no comando” e o conteúdo pressuposto: “Ele permanece no comando.” A partir dessas observações, constata-se que as paratáticas de tempo encontradas nas missivas do século XVIII possuem diversas propriedades semânticas, coesivas, morfológicas, inferenciais que podem coatuar na avaliação de sentido de sequencialidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo em questão, com ênfase na fase do português setecentista, capitaliza conhecimento linguístico sobre o português de setecentos, pois se compreende a presença do fenômeno sintático/semântico, polifuncionalidade do juntor *e*. Embora a insuficiência de compreensão e interpretação de fenômenos linguísticos na literatura do século XVIII torne, ainda, uma pesquisa de pouca predileção, percebe-se que esse período deve ser estudado para a captação da história da Língua Portuguesa.

A investigação das construções paratáticas com o juntor *e* corrobora a teoria da junção, pois, evidencia-se que as relações de sentido (adição, causa, iniciador, contraste e tempo) são obtidas a partir de propriedades dos dois segmentos envolvidos. Nesse sentido, os jutores convencionais configuram apenas um dos fatores que participam da construção do sentido. E outras particularidades composicionais das orações e dos períodos como acarretamentos, pressuposições, recursos coesivos, modos e tempos verbais e inferências são pertinentes e eficazes para a determinação de valores além do prototípico de adição. Tais como na análise pormenorizada das construções paratáticas de tempo e contraste como o juntor *e*. Certamente, nos casos de análises qualitativas, o leitor poderá suscitar questionamentos, pois há naturais subjetividades na análise.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro.**

1. ed. São Paulo: Parábola, 2011. 1034 p.

BECHARA, Evanildo. Para o conhecimento da língua portuguesa no século XVIII: os comentários de Francisco Dias Gomes. In: SPINA, Segismundo; DE AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante. **Para Segismundo Spina: língua, filologia e literatura.** 1. ed. São Paulo: Edusp/Iluminuras, 1995. 304 p.

\_\_\_\_\_. **Moderna gramática portuguesa.** 38. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 720 p.

CALLOU, Dinah. O ensino de língua portuguesa e a norma padrão. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Morfossintaxe e ensino do português: reflexões e propostas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004. 256 p.

CASTRO, Ivo. Para uma história do português clássico. In: DUARTE, I. Leiria (org.). Atas do Congresso Internacional sobre o Português. 1996. p. 132-150.

\_\_\_\_\_. Formação da língua portuguesa. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* **Gramática do Português.** 1. ed. Coimbra: F. Calouste Gulbenkian, 2013. 1262 p.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova gramática do português brasileiro.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 770p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007. 762 p.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 560 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, Augusto Epifanio da Silva. **Sintaxe histórica portuguesa.** 1. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1918. 362p.

DUARTE, Maria Eugenia. Coordenação e Subordinação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2007. 264 p.

**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédico. 40. v.21. 1000p.

GUIMARÃES, Juliana Pereira. **Cartas de comércio do século XVIII: visão documental a partir de uma edição diplomático-interpretativa**. LaborHistórico, v. 5, n. 2: 67-99. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.25097>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/25097/17889>. Acesso em: 22 março. 2022

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHLESSEN, Cristian. **An introduction to functional grammar**. New York: Oxford University, 2014.

HUBER, Joseph. **Gramática do português arcaico**. 2. ed. Lisboa: FGG, 2006.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. 1.ed. São Paulo: Ática, 1999. 96p.

\_\_\_\_\_. As conjunções. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Palavras de classe aberta: Gramática do português culto falado no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 362 p.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Subsídios para o estudo da partícula “E”**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Botelho, 2010[1975]. 97 p.

\_\_\_\_\_. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 52. ed. de Janeiro: José Olympio, 2014. 658 p.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléa R. O modo paratático de junção: considerações sobre o pareamento entre forma e significado. In: RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores**. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p.41-59.

\_\_\_\_\_. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A produção de inferências e a sua contribuição na construção de sentido. São Paulo: **Delta**, v. 9, n<sup>o</sup> especial, 1993.

\_\_\_\_\_. Coesão textual: conceitos e mecanismos. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2002, 88 p.

\_\_\_\_\_. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007. 133 p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. 246 p.

MATOS, Gabriela. Estruturas de coordenação. In: MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 7. ed. Lisboa: 2003. 1127 p.

MATOS, Gabriela. RAPOSO, Eduardo Brizaglo Paiva. Estruturas de coordenação. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* **Gramática do Português**. 1. ed. Coimbra: F. Calouste Gulbenkian, 2013. 1262 p.

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. 1127 p.

NETTO, Luiz Palladino. **Uma edição de cartas de mercadores portugueses do século XVIII e o uso variável do artigo diante do possessivo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 2v. (Tese de doutorado).

NEVES, Maria Helena de Moura Neves. **Gramática de usos do português**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2000. 1037 p.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1993. 208 p.

VILELA, Mário e KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001. 566 p.